



CONGRESSO INTERNACIONAL

AS CIDADES NA
HISTÓRIA

ECONOMIA



GUIMARÃES 2023

25 — 27

outubro

Centro Cultural
Vila Flor





PRIMEIRA CIRCULAR

Em 2012, sendo Guimarães Capital Europeia da Cultura, realizou-se nesta cidade o I Congresso Internacional - As Cidades na História, com o Tema POPULAÇÃO.

Partiu-se da consciência de que a história das cidades é fulcral na investigação qualquer que seja a abordagem escolhida, População, Economia, Sociedade, Cultura ou Arte. Lançou-se então o desafio aos diferentes parceiros europeus de aprofundamento da história das suas cidades na longa duração, apresentando-se o Congresso como uma ocasião de diálogo e de encontro de raízes culturais comuns, com eventuais consequências para além dos objetivos científicos de partida.

De facto, a Cidade de Guimarães, Património da Humanidade, apresenta-se como anfitriã apetecível para eventos desta natureza, não só pelas estruturas culturais de que dispõe, mas por toda a magia da sua envolvência urbana. Os Congressos Históricos podem apresentar-se como ponto de partida de outros Encontros em que Guimarães se situa como importante plataforma desse desejável diálogo europeu.

Numa lógica de construção de um saber integrado, o Iº Congresso Internacional - As Cidades na História incidirá sobre a temática da População, primeira distinção entre mundo urbano e mundo rural. A IIª edição centrou-se na SOCIEDADE. No final dos trabalhos, a Comissão Científica acordou que o congresso seguinte incidiria sobre o tema ECONOMIA.

Nesta 3ª edição pretende-se que o Congresso mantenha a sua identidade de partida, abordando a evolução das cidades em contextos históricos e geográficos distintos, desde a Cidade Antiga à Cidade do Presente a caminho do Futuro, com especial incidência nas cidades do mundo mediterrâneo.

O congresso dividir-se-á em cinco grandes áreas temáticas; a cidade no mundo antigo, na época medieval, moderna, industrial e, finalmente, a cidade da época atual. Cada uma destas áreas terá uma sessão plenária estruturada em torno de dois conferencistas, um português e outro de fora de Portugal, e um conjunto de sessões paralelas de apresentação de resultados espontâneos sobre as respetivas temáticas. Os trabalhos terminarão com uma mesa-redonda sobre a Cidade do Futuro.

Nesta edição, na linha dos anteriores Congressos Históricos, pretendemos ainda estimular os estudos de História Local, com especial incidência sobre o território vimaranense, pelo que animamos todos os interessados a apresentar propostas nesta linha de investigação, para a qual será organizada uma sessão paralela.



ORGANIZAÇÃO

Presidentes Honorários:

Prof. Doutor Luís de Oliveira Ramos

Presidente do Congresso:

Maria Norberta Amorim, CITCEM|FLUP

Comissão Científica:

Coordenadores:

Vicente Pérez Moreda, Universidad Complutense de Madrid

Jorge Fernandes Alves, Universidade do Porto

Áreas Temáticas:

Maria Manuela Martins, Universidade do Minho

Maria Helena da Cruz Coelho, Universidade de Coimbra

Amélia Aguiar Andrade, Universidade Nova de Lisboa

José Damião Rodrigues, Universidade de Lisboa

Jorge Fernandes Alves, Universidade do Porto

Maria Manuel Oliveira, Universidade do Minho

Ivo Oliveira, Universidade do Minho

Secretário-Geral do Congresso:

Antero Ferreira, Casa de Sarmento e CITCEM|FLUP

Comissão Organizadora

Alexandra Marques

Maria Norberta Amorim

Antero Ferreira

Célia Oliveira

Fátima Silva

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta

Casa de Sarmento – Universidade do Minho

CITCEM – Universidade do Porto

Lab2PT – Universidade do Minho

CHSC – Universidade de Coimbra

CH-UL – Universidade de Lisboa

ADEH – Associação de Demografia Histórica



1. CIDADE ANTIGA

Coordenadora:

Maria Manuela Martins

Universidade do Minho

Na edição do III Congresso sobre as Cidades na História, que tem por temática a Economia, a secção de Cidade Antiga irá privilegiar o contexto geográfico e cronológico da cidade clássica, balizada entre os séculos VIII aC e o século VII, igualmente usado nas duas edições anteriores. Mantem-se deste modo uma coerência de enquadramento espaço-temporal, que ajuda a compreender diferentes aspetos das dinâmicas evolutivas de um amplo leque de cidades greco-romanas, reconhecendo-se igualmente a importância da complementaridade das fontes textuais, epigráficas e arqueológicas para o conhecimento da economia do mundo circum-mediterrâneo. No entanto, importa referir os notáveis contributos facultados pela arqueologia nas últimas duas décadas, uma fonte inesgotável de dados empíricos indispensáveis para caracterizar a natureza, os impactos e as mudanças ocorridas na economia do Mundo Antigo. É ainda a arqueologia que nos permite perceber as interações entre as atividades económicas e as inovações técnicas do processo produtivo, bem como estimar o impacto da economia no aumento demográfico e na melhoria da qualidade de vida das populações, factos particularmente relevantes para compreender as cidades do Império romano. Grande parte desse conhecimento é devedor tanto da arqueologia urbana, como da arqueologia do povoamento e da paisagem que potencia o estudo ambiental dos territórios onde se implantavam as cidades, inscritas numa complexa malha de redes de interação entre regiões e mercados de produção, abastecimento e consumo.

Nesta edição do Congresso pretende-se contribuir para a compreensão da dimensão económica da cidade antiga, valorizando-se os diferentes contextos associados à produção, distribuição e consumo, bem como os impactos demográficos e ambientais que podem ter resultado da intensificação económica que caracterizou especificamente a economia romana. São igualmente importantes as questões relacionadas com os processos de organização e interação do mundo do trabalho, incluindo a avaliação dos recursos, agentes e meios de produção que nos ajudam a compreender a relação entre as cidades e os territórios. Para o efeito, serão valorizados os contributos que incidam na reflexão crítica das fontes, conceitos e metodologias que permitem analisar a economia urbana, quer do ponto de vista quantitativo, quer qualitativo, tendo em conta a renovação dos modelos de análise consolidados nos últimos anos.

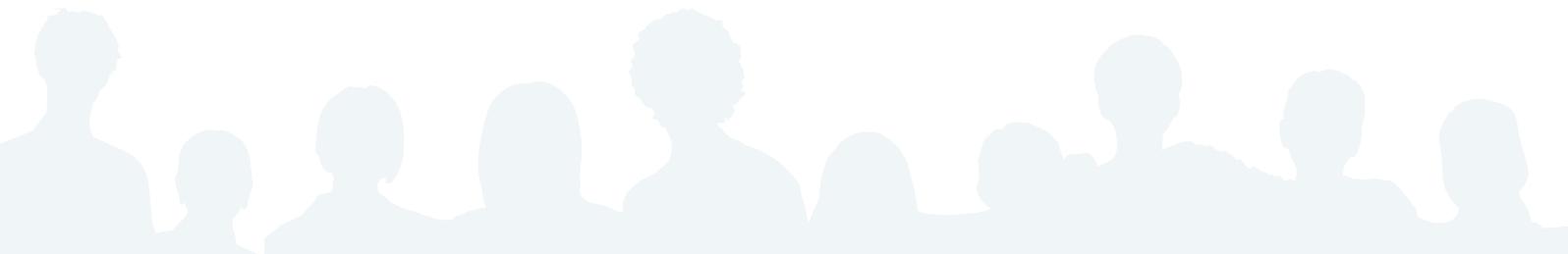
2. CIDADE MEDIEVAL

Coordenadora:

Maria Helena da Cruz Coelho

Universidade de Coimbra

Os centros urbanos, na sua dinâmica económica, assumem-se como polos ativos de consumo, de distribuição e de produção de bens. A cidade articula-se estreitamente com o seu termo rural, nem sempre em relações pacíficas, pois é com os frutos da terra, do mar e dos rios, que primordialmente se abastece. O consumo urbano, em bens e em mão-de-obra, nas suas diversas vertentes, exige ainda outros aprovisionamentos que podem ser provenientes de espaços regionais, nacionais ou mesmo importados do estrangeiro. Mas as cidades apresentam-se também como centros de produção, muito em particular de artefactos que resultam das atividades transformadoras, que tantas vezes se evidenciam na topografia urbana e que são enquadradas por uma regulamentação pública. Característica nodal dos centros urbanos com melhor rede de comunicações é a sua função comercial, ainda que o raio de ação das linhas distribuidoras possa ser muito varável. Essa economia de trocas impõe as operações creditícias e cambiais como identificadoras dos mais pujantes núcleos urbanos. Pontuadas por edifícios militares, religiosos, municipais e infraestruturas comerciais, as cidades envolvem um enorme potencial económico construtivo. Igualmente como sedes de serviços impõem a movimentação onerosa de todos aqueles de deles necessitam. Tais vertentes de consumo e de redistribuição, de diálogo entre o campo e a cidade, de atividade mesteiral, de comercialização, de circulação monetária, de capacidade construtiva, de oferta e cobrança de serviços, entre outras, analisadas à luz de diversas metodologias e variados testemunhos, em quadros comparativos de diferentes espacialidades, na ampla diacronia dos longos séculos medievais e no contexto das diversas escalas dos centros urbanos, serão as temáticas a privilegiar e a aprofundar pelos especialistas neste Colóquio.



3. CIDADE MODERNA

Coordenador:
José Damião Rodrigues
Universidade de Lisboa

As cidades reúnem um conjunto de características gerais que as permite identificar enquanto tal, a saber: constituem um centro político e administrativo, com uma importante presença de instituições representando o poder, e são ainda, muitas vezes, praças-fortes; são centros de produção cultural e artística; e são um mercado, um espaço de importantes trocas económicas, conhecendo uma atividade artesanal ou industrial mais ou menos diversificada e tendo áreas de influência que, em alguns casos, podiam abranger regiões muito distantes. No entanto, apesar da reconhecida importância dos polos urbanos, importa lembrar que, até finais do século XVIII, a cidade é um fenómeno excecional.

No período moderno, que alguns caracterizam como sendo o da “primeira idade global”, e tendo como pano de fundo um vasto mundo rural, a expansão oceânica europeia colocou as cidades e vilas portuárias na vanguarda dos contactos entre continentes e povos. As cidades portuárias desempenharam um papel central na conexão económica de diferentes áreas do globo e na circulação de mercadorias, recursos e ideias, enquanto *hubs*, nós de redes globais. Mas se as cidades portuárias foram essenciais na organização dos territórios, enquanto centros de crescimento económico, o mundo rural continuou a predominar como envolvente e quadro social e económico dominante até ao triunfo da industrialização. Neste contexto, na Área Temática “A Cidade Moderna”, esperamos poder receber contribuições que, centradas na dimensão económica, permitam discutir as identidades dos mundos urbanos, as continuidades na longa duração ou as mudanças resultantes da emergência de novas práticas e instituições e de um contacto mais regular entre mundos geograficamente distantes, mas que as navegações e o comércio aproximavam.





4. CIDADE CONTEMPORÂNEA

Coordenador:

Jorge Fernandes Alves

Universidade do Porto

Embora fruto de um tempo longo, a cidade vive na época contemporânea (séculos XIX-XX) uma metamorfose continuada, com alterações urbanas tão substanciais que alteram profundamente o seu conceito histórico. Demolidora, arrasou muralhas e outros equipamentos, alterou profundamente construções e circulação, ampliou território, incrementou a urbanidade... Não por acaso, as políticas recentes sobre o património preconizam a identificação das estruturas históricas da cidade e a sua conservação, postulando a coexistência entre o passado e o presente, com o testemunho material fragmentado a revelar os processos transformadores da comunidade que lhe subjaz, conferindo-lhe sentidos de familiaridade e de pluralidade.

A cidade contemporânea favorece o incremento urbano e tende a ser aberta, extensa, economicamente dinâmica, industrial, indutora de crescimento económico, densamente habitada, crescendo por si e por atração migratória, gradualmente complexa, tecnológica, mas profundamente desigualitária. A cidade atrai e concentra no fascínio do seu dinamismo e no decorrente imaginário urbano que recria, bem como pelos papéis administrativos que desempenha, pelas oportunidades que oferece, pela especialização que propicia, pela diversidade cultural que promove, pelas redes locais e globais em que se integra, pela centralidade regional que desempenha. Mas também repele pela escassa afetividade, pelos problemas ambientais, pelas dificuldades de habitação, pelo custo de vida acrescido, pela insegurança, pelas dificuldades de transporte...

Neste quadro, a dimensão económica das cidades, que se configura como uma vertente sistémica e fundamental, pelos efeitos de atratividade, criatividade e sinergia que arrasta, como refere Alfredo Mela, será a perspetiva a privilegiar nesta edição do Congresso, embora de forma ampla e em articulação com outras dimensões, questionando os desafios e dinâmicas de resposta da cidade, enquanto lugar expressivo na relação complexa entre o espaço e o tempo, contrastante de fascínios e de desencantos, de equilíbrio e de conflito, de produção de normas e da sua subversão, de inovação e declínio.



5. CIDADE DO PRESENTE E DO FUTURO

Coordenadora:

Maria Manuel Oliveira, Ivo Oliveira

EAAD | Escola de Arquitetura, Arte e Design da Universidade do Minho

A cidade nunca estará finalizada, nunca será estável. Através de fortes tensões, a cidade continuará a crescer, prevendo-se que em 2050 acolha 70% da população mundial. O bem-estar da espécie passará, assim, pelas competências que as cidades forem capazes de incorporar. Mostra-se vital interpretá-las e discutir a sua composição e formas, que incluem e extravasam em larga escala as paisagens urbanas canónicas, sob cuja hibridez a *metrópole horizontal* se contrapõe à cidade compacta e vertical.

Exacerbando os paradoxos da cidade capitalista, a emergência climática e a instabilidade que as crises sanitária e energética expõem, agudizam questionamentos anteriores. O que nos dizem, agora, as pesquisas e as práticas projetuais que encontram no desenho um instrumento primário de investigação e conhecimento sobre a *polis*; que interrogam o espaço público enquanto sistema fundador da vida coletiva; que, face às dinâmicas sociocultural e ambiental contemporâneas, atualizam soluções tipológicas e infraestruturais; que incorporam *nature-based solutions* e avaliam as suas conexões com a realidade instalada; que ponderam o custo ambiental, económico e social associado à transformação dos materiais, e discutem o crescimento enquanto objetivo; que refletem sobre mobilidade e acessibilidade, defendendo sistemas de efetiva proximidade; cujas ações reconhecem a densificação da cultura digital e a exigência de novas representações espaciais? E o que nos podem dizer, ainda, aquelas que olham o solo como um corpo vivo articulador das múltiplas espécies que compõem a realidade urbana e exploram soluções que o afirmem perante a violenta predação a que está sujeito, procurando fluidez, equidades e *espaços de indecisão*, essenciais face a tempos incertos?

A *economia* enquanto tema para a discussão da cidade no cruzamento do presente e do futuro, permitirá conhecer diferentes lentes e taxonomias, discutir métodos e ferramentas que ensaiam outras (e talvez radicais?) aproximações aos ecossistemas urbanos que conhecemos, mas também que antecipamos. O campo de debate é extenso e fértil.

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

Os interessados em participar no congresso devem apresentar a sua proposta indicando:

- Nome(s) do(s) Autor(es)
- Correio eletrónico do(s) autor(es)
- Área Temática a que submete a sua proposta
- Título da proposta
- Breve resumo (máximo de 500 palavras)

As propostas deverão ser submetidas através do formulário disponível na página do congresso <https://ch.guimaraes.pt/submission>

Calendário do Congresso

- Novembro de 2022 - distribuição da primeira circular do Congresso.
- 28 de fevereiro de 2023- data limite para o envio das propostas de comunicações aos responsáveis das áreas temáticas.
- Março de 2023 - Envio da segunda circular do Congresso, com a relação dos títulos provisórios dos trabalhos admitidos em cada área temática.
- 15 de setembro de 2023 - Prazo final para receção das comunicações.
- 25 a 27 de outubro de 2023 - realização do congresso em Guimarães.

Línguas aceites para submissão: português, inglês, espanhol e francês.

VALOR DA INSCRIÇÃO:

Inscrição: 50 € | Estudantes: 25 €

A inscrição é obrigatória e confere direito aos almoços nos dias do congresso e ao Jantar de Gala, que se realizará no Paço dos Duques de Bragança.

Para qualquer esclarecimento adicional poderão contactar a organização através do endereço chi@cm-guimaraes.pt ou consultar a página da Internet congresso <http://ch.guimaraes.pt>